

SUA VIDA PODE ESTAR POR UM FIO

MARIONETE

DO MESMO AUTOR DE BONECO DE PANO

DANIEL COLE



E *se* houver Deus?
E *se* houver paraíso?
E *se* houver inferno?
E *se...* e *se...* nós *todos* já estivermos lá?

PRÓLOGO

Quarta-feira, 6 de janeiro de 2016
9h52

— **D**eus não existe. É um fato.

A inspetora-chefe Emily Baxter observou seu reflexo na janela espelhada da sala de interrogatório, esperando ouvir da plateia que bisbilhotava atrás do vidro qualquer reação àquela verdade tão impopular.

Nada.

Ela estava com uma péssima aparência: parecia ter 50 anos em vez de 35. Pontos pretos e grossos mantinham seu lábio superior no lugar, repuxando cada vez que Emily falava e a fazendo se lembrar de coisas que ela preferiria esquecer, fossem antigas ou novas. A pele esfolada de sua testa se recusava a cicatrizar, uma bandagem mantinha os dedos fraturados juntos e uma dezena de outros machucados estavam fora de vista, escondidos pelas roupas úmidas.

Com uma expressão deliberadamente entediada, Baxter se voltou para encarar os dois homens sentados do outro lado da mesa. Nenhum deles falou nada. Ela bocejou e começou a brincar com os longos cabelos castanhos, correndo os poucos dedos que ainda estavam bons por uma mecha que continuava grudada após três dias de uso de xampu a seco. Baxter não se importava nem um pouco que sua última resposta claramente tivesse ofendido o agente especial Sinclair, o autoritário e calvo americano que agora rabiscava em um elegante bloco timbrado.

Atkins, o contato da Polícia Metropolitana, era nada impressionante ao lado do estrangeiro elegantemente vestido. Baxter havia passado a maior parte dos últimos cinquenta minutos tentando descobrir qual era a cor original da camisa bege desbotada que ele estava usando. A gravata pendia frouxa ao redor do pescoço como se um bondoso carrasco a houvesse colocado ali, com sua ponta oscilante falhando em manter escondida uma mancha recente de ketchup.

Atkins acabou entendendo o silêncio como sua deixa para se manifestar.

— Isso deve ter levado a algumas conversas bem *interessantes* com o agente especial Rouche — declarou.

O suor escorria pela lateral da cabeça quase raspada, cortesia da iluminação acima deles e do aquecedor no canto, que soprava ondas de ar quente e havia transformado as pegadas das quatro pessoas na neve em uma poça suja no piso de linóleo.

– Como assim? – perguntou Baxter.

– De acordo com a ficha dele...

– Dane-se a ficha dele! – interrompeu Sinclair. – Eu trabalhava com Rouche e *com certeza* ele é cristão devoto.

O americano folheou a pasta muito bem organizada a sua esquerda e pegou um documento escrito com a letra de Baxter.

– Assim como você, de acordo com seu formulário de inscrição para o cargo que ocupa atualmente.

Ele sustentou o olhar de Baxter, saboreando o gostinho de ver a mulher briguenta se contradizer, como se o equilíbrio do mundo tivesse sido restaurado agora que ele provara que de fato compartilhavam crenças e que ela estivera apenas tentando provocá-lo. Baxter, no entanto, parecia entediada como sempre.

– Cheguei à conclusão de que, de modo geral, as pessoas são idiotas – começou ela –, e que muitas delas têm a noção equivocada de que devoção cega e uma conduta moral rigorosa estão de algum modo conectadas. Basicamente, eu queria um aumento de salário.

Sinclair balançou a cabeça, decepcionado, como se não conseguisse acreditar em seus ouvidos.

– Então você mentiu? Isso não sustenta muito bem seu ponto de vista sobre uma conduta moral rigorosa, não é? – Ele deu um sorrisinho e fez mais algumas anotações.

Baxter deu de ombros.

– Mas é uma heresia *bem grande* em relação à sua devoção cega.

O sorriso de Sinclair se apagou.

– Há alguma razão para você estar tentando me converter? – perguntou ela, incapaz de conter seu desejo de irritar o interrogador.

Isso fez com que ele levantasse rapidamente e se inclinasse sobre ela.

– Um homem morreu, inspetora-chefe! – berrou Sinclair.

Baxter não se alterou.

– Muitas pessoas estão mortas... depois do que aconteceu – murmurou ela, antes de se tornar venenosa –, e, por alguma razão, o *seu* pessoal parece

estar determinado a fazer todo mundo perder tempo se preocupando com a única pessoa lá fora que merece estar morta!

– Adotamos um procedimento porque... – interveio Atkins, tentando acalmar os ânimos –, ... foram encontradas algumas evidências perto do corpo. De natureza religiosa.

– Que qualquer um pode ter deixado cair ali – retrucou Baxter.

Os homens trocaram um olhar que revelou que eles não estavam lhe contando tudo.

– Você tem alguma informação do paradeiro do agente especial Rouche? – perguntou Sinclair.

Baxter bufou.

– Até onde sei, o agente Rouche está morto.

– *Realmente* quer conduzir a situação dessa forma?

– Até onde sei, o agente Rouche está morto – repetiu Baxter.

– Então, você viu o corp...

A Dra. Preston-Hall, psiquiatra que prestava serviços para a Polícia Metropolitana e a quarta pessoa sentada diante da pequena mesa de metal, pigarreou alto. Sinclair se calou, compreendendo o alerta. Ele voltou a se sentar na cadeira e fez um gesto na direção do vidro espelhado. Atkins rabiscou alguma coisa em seu caderno em péssimo estado e o passou à Dra. Preston-Hall.

A psiquiatra era uma mulher de boa aparência, na casa dos 60 anos, que usava seu perfume caro como purificador de ar, na tentativa malsucedida de disfarçar o cheiro forte dos sapatos úmidos. A Dra. Preston-Hall tinha uma autoridade natural e deixara bem claro que encerraria o interrogatório a qualquer momento se julgasse que o rumo das perguntas poderia ser prejudicial para a recuperação da sua paciente. Ela pegou lentamente o caderno manchado de café e leu a mensagem com a expressão de uma professora que havia interceptado um bilhete secreto na sala de aula.

A psiquiatra tinha se mantido em silêncio por quase uma hora e claramente não via necessidade de mudar isso. Ela apenas balançou a cabeça em resposta ao que Atkins havia escrito.

– O que estava escrito? – perguntou Baxter.

A Dra. Preston-Hall a ignorou.

– O que estava escrito? – voltou a perguntar. Então virou-se para Sinclair. – Faça a sua pergunta.

Sinclair pareceu dividido.

– Faça a sua pergunta – insistiu Baxter.
– Emily! – respondeu a psiquiatra. – Não diga uma palavra, Sr. Sinclair.
– Pode dizer, sim – gritou Baxter, a voz dominando o pequeno espaço.
– A estação? Quer me perguntar sobre a estação?
– O interrogatório está encerrado – anunciou a Dra. Preston-Hall, se levantando.

– Pergunte! – gritou novamente, acima da voz da psiquiatra.

Sinclair sentiu que sua última chance de obter respostas se esvaía e optou por insistir, mais tarde se preocuparia com as consequências:

– De acordo com o seu depoimento, você acredita que o agente especial Rouche estava entre os mortos.

A Dra. Preston-Hall ergueu as mãos, irritada.

– Isso não foi uma pergunta – falou Baxter.

– Você viu o corpo dele?

Pela primeira vez, Sinclair viu Baxter vacilar, mas, em vez de saborear o desconforto dela, sentiu-se culpado. Os olhos dela ficaram vidrados. A pergunta a levou de volta à estação de metrô e a prendeu momentaneamente no passado.

A voz de Baxter estava abalada quando ela finalmente sussurrou a resposta:

– Se se tivesse visto, eu não teria como saber que era ele, não é?

Houve outro longo momento de silêncio em que todos refletiram sobre como aquela simples frase era perturbadora.

– Como ele estava? – Atkins soltou a pergunta malformulada quando o silêncio se tornou insuportável.

– Quem?

– Rouche.

– Em que sentido? – perguntou Baxter.

– O estado emocional dele.

– Quando?

– Na última vez que você o viu.

Ela pensou por um instante na resposta que daria, então abriu um sorriso sincero:

– Aliviado.

– Aliviado?

Baxter assentiu.

– Você parece gostar dele – continuou Atkins.

– Nem tanto. Rouche era inteligente, um parceiro competente... apesar de seus *óbvios* defeitos – acrescentou ela.

Os enormes olhos castanhos de Baxter, realçados pela maquiagem escura, observavam Sinclair, esperando uma reação. Ele mordeu o lábio e voltou novamente os olhos para o vidro espelhado, como se xingasse alguém ali atrás por lhe passar uma missão tão desagradável.

Atkins assumiu para si a missão de encerrar o interrogatório. Sua camisa agora tinha manchas escuras de suor nas axilas e só então ele percebeu que as duas mulheres haviam sutilmente arrastado as cadeiras alguns centímetros para trás para se afastar de seu cheiro.

– Você chamou uma equipe de busca para a casa do agente Rouche – disse ele.

– Chamei.

– Então não confiava nele?

– Não.

– E não tem mais qualquer lealdade a ele agora?

– Absolutamente nenhuma.

– Lembra-se de qual foi a última coisa que ele lhe disse?

Baxter pareceu inquieta.

– Já terminamos?

– Quase. Responda à pergunta, por favor.

Ele permaneceu sentado, a caneta pousada em cima do caderno.

– Eu gostaria de ir agora – disse Baxter à psiquiatra.

– É claro – respondeu a Dra. Preston-Hall em tom ríspido.

– Há algum motivo para você não ter respondido a essa simples pergunta antes?

As palavras de Sinclair atravessaram a sala como uma acusação.

– Muito bem. – Baxter parecia furiosa. – Vou responder. – Ela pensou em sua resposta, então se inclinou por cima da mesa para encontrar o olhar do americano.

– Deus... não... existe.

E sorriu com desprezo.

Atkins jogou a caneta do outro lado da mesa, enquanto Sinclair deixava a sala intempestivamente fazendo a cadeira de metal cair no chão.

– Bom trabalho – disse Atkins com um suspiro cansado. – Obrigado por sua *cooperação*, inspetora-chefe. Agora terminamos.

CINCO SEMANAS ANTES...

Capítulo 1

Quarta-feira, 2 de dezembro de 2015

6h56

O rio congelado estalou e rachou como se estivesse se espreguiçando sob a metrópole cintilante. Vários barcos, presos no gelo e esquecidos, afundavam gradualmente na neve enquanto a terra firme se mantinha temporariamente unida à cidade insular.

À medida que o pôr do sol rastejava pelo horizonte desordenado e sobre a ponte banhada por um luz alaranjada, uma acentuada sombra era projetada no gelo logo abaixo: entre os arcos imponentes, uma moldura de fios ziguezagueava na neve como uma teia que houvesse capturado alguma coisa durante a noite.

Pendurado ali, emaranhado e retorcido, como uma mosca que se destroçara no desespero de se soltar, o corpo de William Fawkes eclipsava o sol.

Capítulo 2

Terça-feira, 8 de dezembro de 2015

18h39

A noite encontrava as janelas da Nova Scotland Yard, as luzes da cidade embaçadas pela camada de condensação.

Com a exceção de duas breves idas ao banheiro e de uma visita ao armário de suprimentos de papelaria do Departamento de Homicídios e Crimes Hediondos, Baxter não deixara seu minúsculo escritório desde que chegara naquela manhã. Ela encarou a pilha de papéis na beira da mesa, uma torre se inclinando na direção da lata de lixo, e teve que conter seus instintos para não ceder à vontade de dar um empurrãozinho.

Aos 34 anos, Baxter se tornara uma das inspetoras-chefes mais jovens a

assumir o cargo na Polícia Metropolitana, embora aquela rápida ascensão não tivesse sido esperada, nem exatamente bem-vinda. Tanto a vaga de chefia quanto a subsequente promoção para ocupá-la só poderiam ser atribuídas ao caso Boneco de Pano e ao fato de ela ter prendido o abominável serial killer no verão anterior.

O último inspetor-chefe, Terrence Simmons, havia sido forçado a se aposentar por conta de problemas de saúde, que todos desconfiavam que haviam ficado mais graves pela ameaça do comissário de demiti-lo se ele se recusasse a se afastar voluntariamente – o gesto natural de um público decepcionado, como o sacrifício de um inocente para aplacar os deuses sempre furiosos.

Baxter compartilhava o sentimento do resto de seus colegas: nojo ao ver seu predecessor sendo usado como bode expiatório, mas, no fim, aliviada por não ter sido ela. Nem sequer considerara se candidatar ao cargo que ficara vago até o comissário lhe dizer que o posto era dela se quisesse.

Baxter olhou ao redor de seu cubículo de compensado, com o tapete sujo e o velho arquivo de pastas suspensas (quem sabia que documentos importantes estavam sepultados na gaveta de baixo que ela nunca conseguira abrir?) e se perguntou por que diabo tinha aceitado aquilo.

Aplausos ecoaram no escritório principal, mas Baxter não percebeu. Ela estava concentrada em uma carta de reclamação sobre um detetive chamado Saunders. Ele tinha sido acusado de usar uma expressão obscena para descrever o filho do remetente. A única dúvida de Baxter em relação à reclamação era a relativa brandura da palavra usada. Ela começou a digitar uma resposta oficial, perdeu a vontade de viver no meio do caminho, amassou a reclamação e jogou-a na direção da lata de lixo.

Então, ouviu uma tímida batida na porta, antes de uma oficial rapidamente se esgueirar para dentro. Ela recolheu os papéis que Baxter lançara perto (e não tão perto) da lata de lixo e jogou-os fora antes de exibir seu famoso talento para jogar Jenga e pousar outro documento em cima da pilha de papéis já instável sobre a mesa.

– Lamento incomodá-la – disse a mulher –, mas o detetive Shaw está prestes a fazer o discurso. Achei que gostaria de saber.

Baxter xingou alto e apoiou a cabeça na mesa.

– Presente! – grunhiu, lembrando-se tarde demais.

A jovem oficial nervosa esperava, constrangida, por mais instruções.

Depois de algum tempo, e sem saber se Baxter ainda estava acordada, ela saiu de fininho da sala.

Baxter arrastou o corpo até ficar de pé e foi para o escritório principal, onde uma multidão havia se reunido ao redor da mesa do sargento-detetive Finlay Shaw. Um cartaz com 21 anos de idade, que fora comprado pelo próprio Finlay para um colega que ele nem lembrava mais quem era, havia sido colado com fita adesiva na parede:

QUE PENA QUE VOCÊ ESTÁ INDO EMBORA!

Havia uma variedade de donuts velhos de supermercado sobre a mesa ao lado dele e vários adesivos com datas documentavam a jornada de três dias dos doces, que iam desde não atraente até não comestível.

Risadas educadas acompanharam a ameaça exagerada do detetive escocês abrutalhado de dar um último soco na cara de Saunders antes de se aposentar. Estavam todos rindo disso agora, mas o último incidente resultara em um nariz reconstruído, duas audiências disciplinares e horas de preenchimento de formulários por Baxter.

Ela detestava aquele tipo de coisa: era tão constrangedor, tão falso... era uma despedida frustrante depois de décadas de trabalho, de ter tido a vida por um fio tantas vezes e das inúmeras lembranças horrorosas para Finlay levar para casa como suvenires. Baxter ficou parada no fundo da sala, sorrindo em apoio ao amigo, observando Finlay com carinho. Ele era o último aliado de verdade que tinha naquele lugar, o único rosto amigo que restava, e agora estava partindo. E ela não comprara nem um cartão para ele.

O telefone do escritório dela começou a tocar.

Baxter ignorou o toque e ficou vendo Finlay fingir terrivelmente mal que a garrafa de uísque que haviam feito uma vaquinha para comprar para ele era de sua marca favorita.

A marca de uísque favorita dele era Jameson – a mesma de Wolf.

A mente de Baxter divagou. Ela se lembrou de que tinha pagado um drinque para Finlay na última vez que haviam se encontrado socialmente. Quase um ano se passara desde então. Finlay tinha dito a Baxter que nunca se arrependera de sua própria falta de ambição. E a avisara de que o papel de inspetora-chefe não era para ela, que se sentiria entediada, frustrada. Baxter não ouvira, porque o que Finlay não conseguiria entender era que,

mais do que uma promoção, ela estava procurando uma distração, uma mudança, uma fuga.

O telefone no escritório dela começou a tocar novamente e Baxter olhou irritada para a própria mesa. Finlay estava lendo as muitas variações de “Que pena que você vai embora” que tinham sido escritas em um cartão dos *Minions*, de quem alguém equivocadamente acreditava que ele era fã.

Baxter checou o relógio. Precisava sair do trabalho em uma hora decente ao menos uma vez.

Finlay deixou o cartão de lado com uma risadinha e começou seu discurso comovido de despedida. Ele planejava ser o mais breve possível, já que nunca apreciara muito a ideia de falar em público.

– ...Mas, falando sério, muito obrigado. Circulo por esse lugar desde que ainda era uma Scotland Yard novinha em folha...

Finlay fez uma pausa, esperando que ao menos uma pessoa desse risada. Seu *timing* fora péssimo e ele acabara de estragar sua melhor piada. Mas continuou mesmo assim, sabendo que dali para a frente seria ladeira abaixo.

– Esse lugar e as pessoas que trabalham aqui se tornaram mais do que um trabalho, mais do que colegas... vocês se tornaram uma segunda família para mim.

Uma mulher que estava bem perto dele passou a mão pelos olhos marejados. Finlay tentou sorrir para ela de um modo que insinuava que o sentimento era mútuo e que tinha alguma ideia de quem ela era. Ele levantou os olhos para a plateia, buscando a única pessoa para quem aquela mensagem de despedida era realmente dirigida.

– Tive o prazer de ver alguns de vocês crescerem junto de mim, transformando-se de recrutazinhos arrogantes em... – agora ele sentiu os próprios olhos marejados – jovens mulheres... e homens, fortes, belos, corajosos e independentes. – “Homens” foi acrescentado de última hora, porque ele ficou com receio de revelar a quem se referia. – Quero reafirmar o prazer que tem sido trabalhar junto de vocês e dizer que me sinto *sinceramente* orgulhoso de todos vocês. Obrigado.

Ele pigarreou e sorriu para os colegas que aplaudiam, finalmente localizando Baxter. Ela estava no escritório dela com a porta fechada gesticulando amplamente enquanto falava com alguém ao telefone. Finlay sorriu de

novo, um sorriso triste dessa vez, e a aglomeração de pessoas se dispersou, deixando-o sozinho para recolher suas coisas e para liberar de vez o lugar que ocupava.

As lembranças tornaram essa tarefa mais lenta enquanto ele recolhia as fotografias que haviam decorado seu espaço de trabalho por anos. Uma imagem em particular, cheia de marcas e descolorida pelo tempo, capturou seus pensamentos: uma festa de Natal no escritório. Uma coroa de papel-crepom cobria a cabeça careca de Finlay, para grande diversão do amigo dele, Benjamim Chambers, e seu braço enlaçava Baxter, naquela que devia ser a única foto em que ela aparecia sorrindo. E, mais para o fundo, enquanto fracassava terrivelmente na missão de ganhar a aposta de que era capaz de erguer Finlay do chão, estava Will... Wolf. Finlay enfiou a fotografia no bolso do paletó com cuidado e terminou de guardar o restante de suas coisas.

Quando já saía do escritório, Finlay hesitou. Tinha a sensação de que a carta esquecida que havia encontrado no fundo da gaveta não pertencia a ele. Considerou a possibilidade de deixá-la para trás, pensou também em rasgá-la, mas acabou jogando-a no fundo da caixa que levava consigo e seguiu na direção dos elevadores.

Supostamente aquele era mais um dos segredos que teria de guardar.

Às 19h49, Baxter ainda estava sentada diante da mesa de trabalho. Ela havia mandado mensagens de texto a cada vinte minutos se desculpando por estar atrasada e prometendo sair o mais rápido que conseguisse. A comandante dela não só a fizera perder completamente o discurso de aposentadoria de Finlay, mas também estava sabotando seu primeiro compromisso social em meses. Ela exigira que Baxter permanecesse onde estava até sua chegada.

Não havia qualquer troço de ternura entre as duas mulheres. Vanita, o rosto da Polícia Metropolitana conhecido da mídia, havia se oposto abertamente à promoção de Baxter. Como trabalharam juntas nos assassinatos do Boneco de Pano, Vanita havia dito ao comissário que Baxter gostava de bater boca, era cheia de opiniões e não tinha qualquer respeito pela autoridade, sem mencionar que ainda a considerava responsável pela morte de uma das vítimas. Baxter via Vanita como uma cobra das relações públicas que não tinha pensado duas vezes antes de jogar Simmons aos lobos ao primeiro sinal de problema.

Para tornar tudo pior, Baxter acabara de abrir um e-mail automático do Departamento de Registros, lembrando a ela, pela enésima vez, que Wolf ainda tinha vários arquivos importantes para devolver. Baxter examinou a longa lista e reconheceu dois casos...

Bennet, Sarah: a mulher que havia afogado o marido na piscina de casa deles. Baxter tinha quase certeza de que ela mesma havia perdido aquele arquivo deixando-o cair atrás de um aquecedor na sala de reunião.

Dubois, Léo: o simples ataque a faca que evoluíra gradualmente para um dos casos mais complicados em anos, com a participação de múltiplas agências, envolvendo tráfico de drogas, venda de armas no mercado negro e tráfico humano.

Ela e Wolf se divertiram muito com aquele caso.

Baxter viu Vanita entrar no escritório com duas outras pessoas a reboque, o que não era um bom presságio para as intenções dela de sair até as oito da noite. Baxter não se deu ao trabalho de levantar quando Vanita entrou e cumprimentou a comandante com uma espontaneidade tão ensaiada que quase conseguiu acreditar nele.

– Detetive e inspetora-chefe Emily Baxter, agente especial Elliot Curtis, do FBI – falou Vanita, jogando os cabelos escuros para trás.

– É uma honra, senhora – disse a mulher negra e alta, estendendo a mão para Baxter.

Curtis usava um terninho de aparência masculina, prendera os cabelos para trás tão apertados que parecia ter a cabeça raspada e havia aplicado o mínimo de maquiagem. Embora parecesse já ter entrado na casa dos 30 anos, Baxter desconfiava que ela era mais nova.

Baxter apertou a mão de Curtis sem se levantar da cadeira, enquanto Vanita a apresentava ao outro convidado, que parecia mais interessado no arquivo de metal amassado do que nas apresentações.

– E esse é o agente especial...

– Fico me perguntando como eles podem ser *especiais* – interrompeu Baxter, irônica – se temos dois deles nesse meu triste arremedo de escritório. Vanita a ignorou.

– Como eu estava dizendo, esse é o agente especial Damien Rouche, da CIA.

– Rooze? – perguntou Baxter.

– Rouch? – tentou Vanita, agora duvidando da própria pronúncia.

– Acredito que seja Rouche, com som de “xi” no final – disse Curtis, tentando ajudar e se virando para Rouche em busca de esclarecimento.

Baxter olhou confusa enquanto o homem distraído sorria educadamente, erguia o punho para a colega em um gesto de vitória e se sentava sem dizer uma palavra sequer. Ela imaginou que ele tivesse quase 40 anos. Tinha o rosto pálido e bem barbeado, e cabelos grisalhos com um topete um pouco grande demais. Rouche olhou para a pilha de papel entre eles, então para a lata de lixo esperando ansiosa logo abaixo e sorriu. Ele usava uma camisa branca com os dois botões de cima abertos e um paletó cinza que parecia gasto, mas era bem cortado.

Baxter se virou para Vanita e esperou.

– Os agentes Curtis e Rouche chegaram essa noite dos Estados Unidos – disse Vanita.

– Faz sentido – retrucou Baxter com mais paciência do que pretendia.
– Estou com um pouco de pressa essa noite, assim...

– Se me permite, comandante? – perguntou Curtis a Vanita educadamente, antes de se virar para Baxter. – Inspetora-chefe, acredito que tenha ouvido, é claro, sobre o corpo que foi descoberto há quase uma semana. Bem...

Baxter pareceu não entender e deu de ombros, interrompendo Curtis antes mesmo que ela começasse.

– Nova York? A Ponte do Brooklyn? – perguntou Curtis, surpresa. – Pendurado? Foi notícia no mundo inteiro?

Baxter precisou disfarçar um bocejo.

Rouche procurou alguma coisa no bolso do paletó. Curtis esperou que ele fosse apresentar algo importante, mas surgiu dali um pacote tamanho família de balas de gelatina Jelly Babies, que foi apressadamente aberto. Sem reparar na expressão furiosa da colega, ele lhe ofereceu uma bala.

Curtis ignorou-o, abriu a bolsa e pegou uma pasta. Ela encontrou ali dentro uma série de fotografias ampliadas e pousou-as sobre a mesa, diante de Baxter.

Subitamente, Baxter compreendeu por que aquelas pessoas haviam se dado ao trabalho de ir de tão longe para vê-la. A primeira foto foi tirada do nível da rua, olhando para cima. Recortado contra a luz da cidade estava um corpo, pendurado entre cabos, a uns 30 metros acima do chão. As extremidades do corpo estavam retorcidas em uma posição pouco natural.

– Ainda não tornamos pública essa informação, mas o nome da vítima era William Fawkes.

Por um momento, Baxter parou de respirar. Já estava se sentindo fraco de fome, mas agora achou que fosse realmente desmaiar. Sua mão tremia quando ela tocou a figura distorcida emoldurada pela famosa ponte. Podia sentir os olhos dos outros fixos nela, observando-a, talvez ressuscitando as dúvidas que tinham sobre a versão vaga que Baxter dera dos eventos que cercavam a dramática conclusão dos assassinatos do Boneco de Pano.

Com uma expressão curiosa no rosto, Curtis continuou:

– Não *aquele* William Fawkes – disse ela lentamente e estendeu a mão para afastar a fotografia que estava no topo da pilha para revelar outra, em um ângulo mais próximo, da vítima nua, acima do peso e desconhecida.

Baxter levou a mão à boca, ainda abalada demais para ter qualquer reação.

– Ele trabalhava no P. J. Henderson’s, o banco de investimentos. Casado, dois filhos... Mas parece claro que alguém está nos mandando uma mensagem.

Baxter havia recuperado o mínimo de compostura necessário para examinar as fotografias restantes, que expunham o cadáver sob vários ângulos. Um corpo inteiro, sem costuras. Um homem na casa dos 50 anos, completamente nu. O braço esquerdo dele pendia solto e a palavra “isca” havia sido entalhada profundamente em seu peito. Baxter checou as outras fotografias, então estendeu-as de volta para Curtis.

– Isca? – perguntou, olhando de um agente para o outro.

– Talvez agora consiga perceber por que achamos que deveria ser alertada – falou Curtis.

– Não exatamente – retrucou Baxter, que estava retornando rapidamente ao seu modo de ser habitual.

Curtis pareceu surpresa e se virou para Vanita.

– Imaginei que o seu departamento, acima de qualquer outro, iria querer...

– Sabe quantos crimes imitando o Boneco de Pano tivemos no Reino Unido no ano passado? – interrompeu Baxter. – Que eu saiba, sete, e venho ativamente tentando *evitar* saber a respeito.

– E isso não a preocupa nem um pouco? – perguntou Curtis.

Baxter não via por que deveria gastar mais tempo com aquele horror do que com os outros cinco que haviam aterrissado em sua mesa naquela manhã.

Ela deu de ombros.

– Doidos sendo doidos.

Rouche quase engasgou com uma Jelly Baby de laranja.

– Escute, Lethaniel Masse foi um serial killer engenhoso e muito inteligente que atacou diversas vítimas. Esses outros não passam de malucos praticando vandalismo antes de que o hospício local os leve.

Baxter desligou o computador e arrumou a bolsa preparando-se para partir.

– Há seis semanas, entreguei um pacote de doces a uma versão de um metro de altura do Boneco de Pano que bateu na minha porta dizendo “Gostosuras ou travessuras?”. Uns almofadinhas de boina resolveram costurar partes de um animal morto e o resultado se tornou a mais nova aquisição do acervo da Tate Modern. Sendo apreciado por um número recorde de visitantes igualmente almofadinhas e de boina.

Rouche riu.

– Algum desgraçado doente está até fazendo um programa de TV a respeito. O Boneco de Pano está aí fora agora, por toda parte, e vamos todos ter que aprender a conviver com isso – concluiu Baxter.

Ela se virou para Rouche, que estava encarando o saco de balas.

– Ele não fala? – perguntou a Curtis.

– Ele prefere ouvir – respondeu ela em um tom amargo, parecendo já ter se cansado do colega excêntrico apenas uma semana depois de estarem trabalhando juntos.

Baxter voltou a olhar para Rouche.

– Estão diferentes. – afirmou ele, finalmente, ao perceber que as três mulheres esperavam que ele desse alguma colaboração à reunião.

Baxter ficou surpresa ao descobrir que o agente da CIA falava com um impecável sotaque inglês.

– O que está diferente? – perguntou ela, ouvindo com cuidado para o caso de ele estar fingindo o sotaque para debochar dela.

– As Jelly Babies – disse ele, mastigando. – Não têm o mesmo gosto de antes.

Curtis estava esfregando a testa, envergonhada e frustrada. Baxter ergueu as mãos e olhou para Vanita, impaciente.

– Tenho um compromisso – disse diretamente.

– Temos motivos para acreditar que esse não é apenas outro crime sem sentido inspirado no Boneco de Pano, inspetora-chefe – insistiu Curtis,

apontando para as fotografias em uma tentativa de colocar a reunião de volta nos eixos.

– Está certa – disse Baxter. – Não é *nem mesmo* isso. Não há costuras.

– Houve um segundo assassinato – retrucou Curtis elevando o tom de voz, nitidamente irritada, antes de voltar ao tom profissional. – Há dois dias. O lugar foi... *favorável*, no sentido de que conseguimos manter a mídia afastada, ao menos temporariamente. Mas, sendo realistas, não esperamos conseguir evitar a divulgação de um incidente dessa – ela olhou para Rouche em busca de ajuda. Não teve – ... *natureza* do resto do mundo por mais de um dia.

– ... do *mundo*? – perguntou Baxter em tom cético.

– Temos um pequeno pedido a fazer – disse Curtis.

– E um grande – acrescentou Rouche, com um sotaque ainda mais perfeito agora que havia engolido as balas.

Baxter franziu o cenho para Rouche, Curtis fez o mesmo, então Vanita olhou irritada para Baxter, antes que a inspetora-chefe tivesse tempo de protestar. Rouche olhou irritado para Vanita, só para manter o jogo empatado, enquanto Curtis se dirigia a Baxter.

– Gostaríamos de entrevistar Lethaniel Masse.

– Então é por isso que o FBI e a CIA estão envolvidos – concluiu Baxter.

– Assassinato nos Estados Unidos, suspeito na Grã-Bretanha. Ora, fiquem à vontade – disse com um dar de ombros.

– Com a sua presença, é claro.

– De forma nenhuma. Não há *qualquer razão* para que possam precisar de mim lá. Podem vocês mesmos ler as perguntas de uma ficha. Acredito em vocês.

Rouche sorriu do sarcasmo.

– É claro que ficaremos encantados em auxiliá-los de todas as formas que pudermos, não é mesmo, inspetora-chefe? – disse Vanita, os olhos arregalados de raiva. – Nossa relação amistosa com o FBI com a CIA é importante e nós...

– Meu Deus – disse Baxter, irritada. – Está certo. Eu vou. Darei as mãos a vocês. E qual é o pedido pequeno?

Rouche e Curtis trocaram um olhar e até mesmo Vanita se remexeu desconfortavelmente na cadeira, antes que qualquer um deles ousasse falar.

– *Esse...* foi o pedido pequeno – disse Curtis baixinho.

Baxter pareceu prestes a explodir.

– Gostaríamos que examinasse a cena do crime conosco – continuou Curtis.

– As fotografias? – perguntou Baxter em um sussurro tenso.

Rouche esticou o lábio inferior e balançou a cabeça.

– Já acertei sua transferência temporária para Nova York com o comissário e assumirei o seu cargo enquanto você estiver fora – informou Vanita.

– É uma missão e tanto para assumir – retrucou Baxter, lentamente.

– Conseguirei... *dar um jeito* – disse Vanita, deixando a fachada profissional de lado por um raro momento.

– Isso é um absurdo! De que forma vocês acham que eu vou poder contribuir para um caso completamente diferente do Boneco de Pano do outro lado do mundo?

– De forma nenhuma – respondeu Rouche honestamente, desarmando Baxter. – É uma *completa* perda de tempo... Curtis assumiu a condução da conversa.

– Acho que o que meu colega está *tentando* dizer é que o público norte-americano não verá esse caso como nós. Eles verão assassinatos do caso Boneco de Pano, ou ao menos assassinatos ao estilo do caso Boneco de Pano, e vão querer ver a pessoa que capturou o assassino desse caso caçando esses novos monstros.

– Monstros? – perguntou Baxter.

Foi a vez de Rouche revirar os olhos para a colega. Ela claramente havia dito mais do que pretendia naquele estágio inicial. No entanto, o silêncio que se seguiu disse a Baxter que a mulher havia erguido a guarda mais uma vez.

– Então isso tudo é um exercício de relações públicas? – perguntou Baxter.

– E não é assim com tudo o que fazemos, *inspetora-chefe*? – disse Rouche com um sorriso.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

